

Por que a América Latina está enfrentando tantos terremotos? Entenda o que explica os tremores na região

Category: BRASIL, GERAL, MEIO AMBIENTE

escrito por Alice Ketllen | 9 de outubro de 2026



Um terremoto de magnitude 7,6 atingiu o Panamá nesta sexta-feira (9) e provocou um alerta de tsunami para países da América Central e do Sul. O abalo é mais um de grande intensidade registrado na região nos últimos meses, depois dos terremotos que deixaram centenas de mortos na Colômbia, em agosto, e milhares de vítimas na Venezuela, em junho.

Apesar da proximidade geográfica e do curto intervalo entre os episódios, isso não significa que os terremotos estejam relacionados ou que a atividade sísmica esteja aumentando na América Latina.

A explicação para a frequência desses fenômenos está, principalmente, na formação geológica da região. Boa parte do continente está próxima aos limites de grandes placas tectônicas, enormes blocos da crosta terrestre que se movimentam lentamente e acumulam tensão ao longo do tempo.

Quando essa tensão é liberada de maneira repentina, ocorre um terremoto.

Em determinadas condições, um grande abalo pode alterar as tensões em falhas geológicas e até desencadear outros tremores. Mas isso não acontece necessariamente.

Para estabelecer uma possível relação entre diferentes terremotos, os cientistas precisam analisar a localização dos epicentros, a profundidade dos abalos, as falhas envolvidas e o mecanismo de ruptura de cada evento.

Segundo o geofísico Bruno Collaço, da Rede Sismográfica Brasileira (RSBR) e do Centro de Sismologia da Universidade de São Paulo (USP), a ocorrência de grandes terremotos em poucos meses não é suficiente para concluir que exista uma reação em cadeia. A América Latina reúne diferentes sistemas tectônicos ativos, capazes de produzir tremores intensos de forma independente.

Por que a América Latina registra tantos terremotos?

A América Latina está situada em uma das regiões de maior atividade sísmica do planeta. Parte de seu território integra o chamado Círculo de Fogo do Pacífico, uma extensa faixa que acompanha as bordas do oceano Pacífico e concentra terremotos e vulcões ativos.

Nessa região, diferentes placas tectônicas se encontram e se movimentam continuamente.

Entre as principais estão as placas de Nazca, Sul-Americana, do Caribe e de Cocos. Seus movimentos criam zonas de atrito e deformação na crosta terrestre.

Um dos principais mecanismos responsáveis pelos terremotos é a chamada subducção, processo no qual uma placa tectônica mergulha por baixo de outra.

É o que acontece ao longo de grande parte da costa oeste da

América do Sul, onde a placa de Nazca avança sob a placa Sul-Americana.

O movimento não ocorre de maneira uniforme. Em alguns pontos, as placas ficam temporariamente presas pelo atrito, mesmo enquanto continuam sendo empurradas uma contra a outra.

A tensão se acumula até ultrapassar a resistência das rochas, provocando uma ruptura que libera energia na forma de ondas sísmicas.

Esse processo explica a frequência de terremotos em países como Chile, Peru, Equador e Colômbia.

Também ajuda a entender por que regiões como Japão, Indonésia e a costa oeste dos Estados Unidos estão sujeitas a grandes abalos.

Por que Panamá também está sujeito a terremotos?

O Panamá ocupa uma posição geologicamente complexa, próxima ao encontro de diferentes placas tectônicas.

Enquanto o oeste da América do Sul é marcado principalmente pela interação entre as placas de Nazca e Sul-Americana, a América Central também sofre influência das placas de Cocos e do Caribe.

Na região do Panamá, esses movimentos se combinam com a presença de falhas geológicas e de blocos menores da crosta terrestre, capazes de acumular e liberar grandes quantidades de energia.

Um dos sistemas conhecidos é a Zona de Fratura do Panamá, associada ao movimento relativo entre as placas de Cocos e Nazca.

Isso significa que o país está naturalmente sujeito a

terremotos, mesmo quando não há registros recentes de grandes abalos em outras partes do continente.

Segundo os dados iniciais divulgados pelo Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) e informados na cobertura do terremoto desta sexta-feira, o tremor teve epicentro em terra, na região de Quebro, no sul do Panamá, a aproximadamente 33 quilômetros de profundidade.

O abalo foi sentido com força na Cidade do Panamá, capital do país. A magnitude, inicialmente estimada em 8,0, foi posteriormente revisada para 7,6.

A confirmação de qual falha ou movimento tectônico provocou especificamente o terremoto depende de análises do mecanismo de ruptura.

Terremotos na Colômbia e na Venezuela

Os dois grandes terremotos que atingiram a América do Sul nos últimos meses ajudam a entender como diferentes processos geológicos podem produzir abalos de grande intensidade.

Em 10 de agosto, um terremoto de magnitude 7,4 atingiu o oeste da Colômbia, com epicentro no departamento de Chocó. O tremor provocou desabamentos e danos em cidades como Cali, Pereira e Manizales, além de ser sentido em Bogotá e em países vizinhos.

Já em 24 de junho, a Venezuela foi atingida por dois fortes terremotos, que provocaram uma das maiores tragédias recentes do país, com mais de 6 mil mortes.

Embora tenham ocorrido em países vizinhos, os eventos tiveram origens distintas. Segundo Collaço, o terremoto colombiano esteve associado à dinâmica da placa de Nazca, que mergulha sob a placa Sul-Americana.

Na Venezuela, por outro lado, os abalos ocorreram em uma região influenciada pela interação entre as placas Sul-Americana e do Caribe.

“O caso da Venezuela é um pouco diferente, porque naquela ocasião os sismos foram causados por um outro contexto tectônico mais complexo, na interação da placa da América do Sul e a do Caribe”, explica o geofísico.

Isso significa que, apesar da proximidade geográfica, os terremotos se originaram em sistemas tectônicos diferentes.

Um terremoto pode provocar outro?

Sim. Grandes terremotos podem alterar a distribuição de tensões na crosta terrestre e, em determinadas circunstâncias, desencadear novos abalos.

Isso acontece principalmente nas proximidades da falha responsável pelo primeiro tremor, onde podem ocorrer as chamadas réplicas, ou tremores secundários.

O USGS explica que as ondas sísmicas de um grande terremoto também podem, em algumas condições, desencadear tremores em áreas distantes que já estejam sujeitas a tensões geológicas.

Mas isso não significa que todos os grandes terremotos registrados em sequência estejam relacionados.

Para estabelecer uma conexão, os cientistas precisam analisar a localização dos epicentros, a profundidade dos abalos, as falhas envolvidas e a maneira como a energia se propagou pela crosta terrestre.

No caso dos terremotos registrados na Colômbia e na Venezuela, as análises apontam para processos tectônicos distintos.

Quanto ao Panamá, ainda são necessárias informações detalhadas sobre a ruptura para determinar se existe alguma influência de

eventos anteriores.

Por que terremoto no Panamá provocou alerta de tsunami?

Nem todo terremoto provoca tsunami. Para que isso aconteça, normalmente é necessário que um abalo no fundo do mar provoque um deslocamento brusco de grande volume de água.

Esse movimento gera ondas que se propagam pelo oceano e podem atingir áreas costeiras.

A possibilidade depende de fatores como a magnitude do terremoto, sua profundidade, a localização e o tipo de movimentação da falha geológica.

Segundo o USGS, terremotos de magnitude entre 7,6 e 7,8 podem produzir tsunamis destrutivos, principalmente nas regiões próximas ao epicentro, dependendo das características da ruptura.

Embora o epicentro informado inicialmente para o terremoto desta sexta-feira tenha sido localizado em terra, foi emitido um alerta para áreas costeiras de países próximos, incluindo Colômbia, Costa Rica, Equador, Peru, Nicarágua, Guatemala, El Salvador e México.

A emissão de um alerta, porém, não significa que ondas destrutivas tenham sido efetivamente registradas. É necessário acompanhar as medições e as atualizações dos órgãos oficiais.

É possível prever o próximo terremoto?

Apesar dos avanços no monitoramento sísmico, ainda não existe uma tecnologia capaz de prever com precisão a data, a localização e a magnitude de um terremoto.

Os cientistas conseguem identificar regiões mais vulneráveis e estimar a probabilidade de grandes abalos ao longo de períodos extensos, mas não determinar exatamente quando uma falha vai se romper.

Por isso, a ocorrência de vários terremotos em um intervalo relativamente curto não permite concluir que outro grande tremor esteja prestes a acontecer.

Também não basta observar uma sequência de eventos para afirmar que a atividade sísmica de todo o continente está aumentando. Uma conclusão desse tipo exige a análise de séries históricas extensas e comparáveis.

Em países localizados sobre áreas tectonicamente ativas, as principais medidas de proteção envolvem construções resistentes a terremotos, sistemas de monitoramento, planos de emergência e orientação da população.

Fonte: G1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
09/10/2026/16:28:43

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)

- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:93984046835)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:93984046835) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com*